

48.
MÃE HILDA

Era uma vez uma viúva que tinha duas filhas, uma das quais era bonita e diligente, e a outra feia e preguiçosa. A viúva, porém, só gostava da feia e preguiçosa, que era sua filha de verdade, sendo a outra sua enteada. E a pobre da boazinha era obrigada a trabalhar muito, comer pouco e andar mal vestida. Todos os dias tinha de sentar-se junto do poço, à margem da estrada, fiando, fiando, até seus dedos sangrarem.

Certo dia, a lançadeira ficou tão suja de sangue, que a jovem mergulhou-a no poço para lavá-la. Mas a peça escapou-lhe das mãos e foi para o fundo do poço. Chorando muito, ela foi contar à madrasta o que acontecera. E a perversa mulher maltratou-a e ameaçou-a, e acabou dizendo:

— Se deixaste a lançadeira cair no poço, tens de buscá-la no poço! Eu a quero de volta sem demora!

A jovem voltou para junto do poço, sem saber o que fazer. E, desesperada como estava, pulou no poço para tirar a lançadeira. E desmaiou.

Quando recuperou os sentidos, viu que se encontrava em uma bela campina, onde cresciam milhares de flores, iluminadas por um sol brilhante. A moça caminhou pelo prado e chegou a um forno cheio de pães, que gritavam:

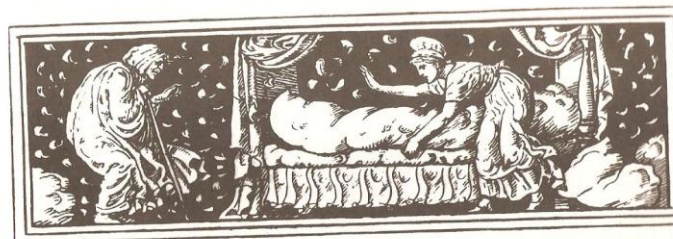
— Tira-me daqui! Tira-me daqui! Do contrário vou me queimar! Estou sendo assado há muito tempo!

Ela, então, pegou a pá que estava junto do forno e tirou todos os pães, um depois do outro.

Depois, continuou a caminhada e chegou a uma árvore carregada de frutas, que lhe pediu:

— Sacode-me! Sacode-me! As frutas estão maduras.

A jovem sacudiu a árvore, e as frutas caíram como se fossem uma chuva, e ela as amontoou todas juntas e prosseguiu a caminhada.



Afinal, chegou a uma casinha, à porta da qual se encontrava uma velha, que tinha os dentes tão grandes que a jovem ficou amedrontada e já ia sair correndo, quando a mulher a chamou:

— Do que estás com medo, minha filha? Fica comigo. Se fizeres direitinho todo o serviço da casa, será muito bom para ti. Mas terás de ter muito cuidado, para arrumar bem a minha roupa de cama, e sacudi-la bem, até as penas caírem, pois então haverá neve sobre a terra. Sou a Mãe Hilda.

Como a velha lhe falava com um tom carinhoso, a jovem tomou coragem e concordou em entrar a seu serviço. Fazia tudo de maneira que a velha achava plenamente satisfatória e sempre sacudia a cama com tanta força que as penas voavam como se fossem flocos de neve.

E assim, a mocinha ia levando uma vida tranquila. Jamais era censurada e comia carne assada ou cozida diariamente.

Ficou em casa de Mãe Hilda durante um certo tempo, até que começou a se sentir triste. A princípio, não entendia o que estava se passando consigo, mas afinal descobriu que era saudade. Embora estivesse levando uma vida mil vezes melhor do que a que levava em casa, estava com saudade. Afinal, disse à velha:

— Estou com muita saudade de casa. E, embora tenha me dado muito bem aqui, não posso ficar por mais tempo. Tenho de voltar para junto de minha família.

— Não posso censurar-te por teres saudades de casa — disse Mãe Hilda. — E como me serviste com tanta lealdade, eu mesma me encarregarei de levar-te para lá.

Deu a mão à jovem e levou-a até uma porta alta e larga, que se abriu e, justamente quando a transpôs, a jovem foi coberta por uma pesada chuva de ouro, que se grudou à sua roupa.



— É a recompensa por teres sido tão diligente — disse Mãe Hilda, que lhe entregou também a lançadeira que havia caído no poço.

A porta se fechou então, e a moça se viu na superfície da terra, perto da casa de sua madrasta. Quando chegou ao pátio da casa, o galo, que estava pousado junto do poço, cantou:

Cacariacô!

A menina de ouro voltou!

A jovem entrou na casa e, como chegava coberta de ouro, foi bem recebida pela irmã e pela madrasta. Ela contou tudo que lhe acontecera, e, ao saber como sua enteada havia conseguido tanta riqueza, a madrasta ficou ansiosa para fazer com que tivesse a mesma sorte sua filha feia e preguiçosa. Assim, fê-la fiar sentada junto do poço, e, a fim de que a lançadeira ficasse suja de sangue, fez um corte em seu dedo, derramou um pouquinho de sangue na lançadeira, e jogou-a dentro do poço. E a filha pulou no poço em seguida.

Como acontecera com a irmã, ela se viu depois em um belo prado e caminhou pela mesma estrada. Quando passou pelo forno, onde os pães gritavam, pedindo para que fossem tirados de lá, pois já estavam bem assados, a preguiçosa disse:

— Vê lá se eu vou me sujar toda, tirando pão do forno!

E seguiu adiante. Passou, então, pela árvore que gritava:

— Sacode-me! Minhas frutas estão maduras!

— Vai esperando! — exclamou a preguiçosa. — Eu fazer força e correndo o risco de caírem frutas em minha cabeça e eu sair machucada!

Chegou depois à casa da Mãe Hilda, e não teve medo, pois sua irmã já falara a respeito dos dentes enormes da velha. Aceitou sem relutância a proposta de executar ali serviços domésticos.

No primeiro dia, obedeceu Mãe Hilda, e trabalhou direitinho, pensando no ouro que iria lucrar. No segundo dia, porém, começou a sentir preguiça e no terceiro dia ainda foi pior: levantou tarde e sequer sacudiu a roupa de cama.

Mãe Hilda não tolerou a situação por muito tempo e dispensou o serviço da moça feia e preguiçosa, que ficou até muito satisfeita, pois estava ansiosa para voltar para casa e ser coberta de ouro no caminho. Quando, porém, atravessou a porta que Mãe Hilda abriu, não caiu uma chuva de ouro, e sim uma grande tina de pez foi despejada em cima dela.

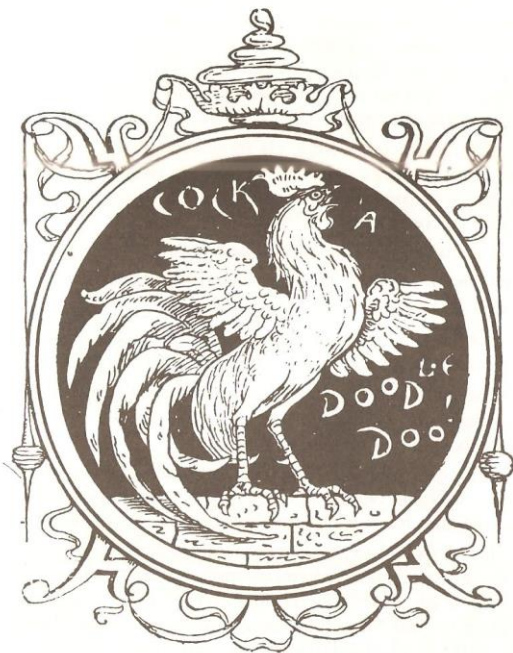
— É a recompensa pelo teu serviço — disse a velha.

E, quando chegou à casa, a preguiçosa foi saudada pelo galo com um canto bem diferente daquele com que recebera a irmã:

Cacariacô!

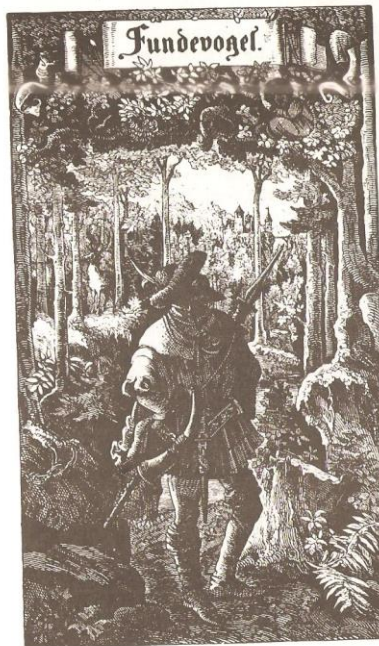
A porcalhona voltou!

E o pez se grudou em sua pele e ficou grudado até a sua morte, tornando-a ainda mais feia do que já era.



49.
O VOADOR

Era uma vez um caçador que, entrando em uma floresta para caçar, ouviu um choro de criança. Aproximou-se do lugar de onde ele vinha, e viu, no alto de uma árvore, uma criancinha que para lá fora levada por uma ave de rapina, que a arrancara dos braços da mãe, que adormecera debaixo da árvore.



O caçador trepou na árvore e tirou a criança, um menino, disposto a levá-lo para casa e criá-lo, junto com sua filhinha Lina. De fato, as duas crianças cresceram juntas.

Como fora levado por uma ave para o alto de uma árvore, o menino ficou chamando Voador. Voador e Lina gostavam tanto um do outro, que ficavam muito tristes quando tinham de se separar.

O caçador tinha uma cozinha que todas as tardes pegava dois baldes e ia buscar água, e não ia uma só vez, mas muitas vezes, ao poço.

Lina teve curiosidade e perguntou à cozinheira, que se chamava Sanna:

— Por que trazes tanta água?